

13 segundos

A decorative graphic element consisting of several stylized flowers and a cluster of dots, positioned to the right of the title.

Bel Rodrigues

||—————|-----> 0013

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2018

01

AGORA EU QUERO IR

Anavítória



Lola • antes

A decisão de terminar meu namoro com o Leo foi a mais difícil que já tomei na vida. Ele foi o meu primeiro amor, o único garoto que mexeu comigo a ponto de me fazer esquecer o mundo quando estávamos juntos, era mágico, quase como naqueles filmes melosos, com relacionamentos tão perfeitos que parecem impossíveis. A forma como acabou aos poucos foi o que me deixou mais triste e insegura, porque, quando vivenciamos um sentimento tão bom com alguém, dá medo de não voltar a ter isso nunca mais. E por muito tempo eu convivi com esse conflito interno, até finalmente me decidir. Precisei de uma dose de coragem e três de força de vontade ao iniciar o que seria a nossa última DR, principalmente porque mal conseguia encará-lo por muito tempo; o

olhar perdido e suplicante dele me doía, mas eu sabia que precisava colocar um ponto final na nossa história.

Não havia mais amor, tesão, cumplicidade. Eu estava cansada dos hobbies infantis do Leo e da mesmice do namoro: o futebol dele às quintas, os amigos o chamando de gay, como se fosse um xingamento, e mais um monte de clichês que pertencem a um mundo no qual eu não me encaixo. Perdi a conta de quantas vezes meus amigos se ofenderam com alguma piadinha do Leo, e aquilo acabava me afetando também, afinal, que tipo de cara eu queria ao meu lado? A felicidade dos primeiros meses acabou sustentando o namoro até o fim. E era melhor colocar um ponto final na angústia antes de voltar às aulas, justamente para que as coisas se ajustassem sem afetar nosso desempenho no último ano do Ensino Médio. Inevitavelmente, lembrei de nosso diálogo, quase três meses atrás.

— Leo, já entendi tudo que você falou e também sei que pareceu uma decisão precipitada, mas não foi. Eu penso nisso há semanas e já tinha comentado com você, que várias vezes preferiu ignorar, mudar de assunto, falar que era besteira — fiz aspas com os dedos — minha, que se eu pensasse melhor, mudaria de ideia. Não mudei de ideia e também não quero fazer isso bem no meio do ano para não nos atrapalhar no

colégio. Gosto muito de você, mais do que já gostei de qualquer outra pessoa, e não vou esquecer este último ano que passei ao seu lado, vivemos momentos incríveis... — Respirei fundo antes de continuar. — Mas não estamos mais felizes juntos.

Vomitei as palavras de tal maneira que levei alguns segundos para acreditar. Nem ao menos prestei atenção na reação dele, mas consegui perceber que mexia as mãos, nervoso, até que parou e me respondeu:

— Na verdade, quem não está feliz é você. Espero que sua decisão não seja um pretexto pra curtir o terceiro ano à vontade — disse, com sarcasmo.

— Oi? Não, não tem nenhum outro motivo. Acredito que não estar feliz já é o bastante. E mesmo se fosse só para curtir o terceiro ano, isso não tem nada a ver com ninguém além de mim.

— Só acho imaturidade terminar um namoro para curtir, por isso falei. E não vou fingir que não estou decepcionado com você — afirmou, me encarando.

Engoli em seco.

— Você prefere que eu fique ao seu lado sem vontade? Só fui sincera, para de tentar jogar a culpa para cima de mim. Relacionamentos terminam todos os dias, paciência — desabafei.

Não era possível que Leo fosse tentar me colocar como a vilã da história! Eu realmente não tinha en-

xergado esse lado infantil dele quando começamos a namorar. Vai ver o amor é mesmo cego. Mas de repente eu via tudo com clareza e sabia que não seria feliz ao lado dele. Cada vez Leo provava mais isso.

— Espero que você não se arrependa, só isso. Porque vai ser tarde demais. O mundo pode ser uma merda de vez em quando, principalmente sem ninguém pra nos amparar nesses momentos, e eu não vou ficar aqui te esperando — disse Leo, quase sussurrando.

A expressão de tristeza dele me deu uma ligeira vontade de esquecer o término e fingir que era tudo uma pegadinha, mas o que ele havia acabado de falar ecoou na minha cabeça por alguns segundos. Eu tinha certeza do que estava fazendo. Não iria me arrepender.

— Isso foi uma ameaça? — questionei, me recusando a acreditar, mas com medo da resposta.

— Claro que não. Não tenho mais doze anos, Lola. Só falei isso porque sempre cuidei de você, mesmo antes de namorarmos. Mas agora, querendo ou não, vamos nos afastar. Não vou conseguir ser seu amigo logo de cara e agir como se não quisesse você.

Ao ouvir as palavras dele, fiquei em silêncio. De fato, como posso exigir amizade se ele realmente parece estar mais abalado que eu?!

— Tudo bem. Leva seu tempo, eu estarei aqui mesmo assim. Não vou esquecer o que vivemos, Leo. Mas sei

que o melhor agora é isso, o fim. — Encarei-o com o coração apertado. — Vou pra casa.

— Qualquer coisa, você sabe onde me encontrar. — Ele concluiu, abrindo a porta do quarto para eu sair.

Atravessei o corredor a passos largos, dei um rápido aceno para a minha agora ex-sogra na sala e fui praticamente correndo para a minha casa, que ficava a três quadras dali. Sei que fiz o certo, mas a sensação de vazio começava a me tomar. Resolvi que, naquela noite, as redes sociais poderiam sumir. Desliguei a internet do celular, colocando-o no silencioso, e ouvi música até pegar no sono. A playlist “fundo do poço”, que a minha melhor amiga Ariel havia criado, se encaixava perfeitamente ao momento, talvez eu até grave um cover de uma das músicas amanhã. Talvez.

O despertador mal havia começado a tocar e eu já estava sentindo uma dor incessante na cabeça. Será que era meu corpo pedindo para as férias não acabarem, para fingirmos que as aulas não voltariam em menos de duas horas? Seria um sinal de que eu ainda precisava de mais dias regados a Netflix, pizza e práticas de canto? Nos últimos dois meses, desde o fim do meu namoro com o Leo, essa tem sido a minha vida. Com exceção da única vez que caí na pilha de sair com as meninas e acabei a noite na cama de um cara — que espero que

seja mesmo tão maravilhoso quanto diz minha memória. Como estávamos bêbados, nem ao menos sabemos o nome um do outro. Minha mãe disse que isso, no mundo adulto, era afogar as mágoas. No meu mundo é só uma noite exagerada com direito à ressaca amargurada no dia seguinte, até porque eu nem gosto de beber demais a ponto de ter amnésia alcoólica.

Mas a realidade me chamava de volta à Terra. E meu futuro batia cada vez mais forte à minha porta. Ou melhor, era a minha mãe mesmo.

— Lola, já está na hora de acordar! — gritou ela, e, pelo som de seus saltos batendo no chão, eu sabia que ela já estava atrasada.

Me espreguicei duas vezes antes de me levantar de vez e ir para o meu banheiro.

— Já estou me arrumando, mãe. Você vai levar a Nina para a escola? Se preferir, ela pode ir comigo. O dia está ensolarado, não preciso de carona — falei em voz alta.

— Combinado. Não se esquece de pegar a lancheira dela. Já estou indo — avisou com a voz sumindo conforme ela se afastava.

Dona Lisa detestava se atrasar e ficava tão impaciente com a ideia de perder uma reunião logo no começo do dia que mal conseguia estabelecer uma conversa decente, mesmo sendo segunda-feira.

— Até à noite — falei, já sabendo que ela não tinha me escutado, e abri o chuveiro.

Encontrei Nina sentada à mesa da cozinha, acabando de comer seus sucrilhos e de uniforme da escola. Minha irmã mais nova divide o posto das duas maiores paixões da minha vida, lado a lado com a música. Nina tem sete anos, é superinteligente e vive questionando todo mundo ao seu redor de tão tagarela que é. Quando chegou em casa pela primeira vez, estava assustada, mas não se escondeu. Pelo contrário, se aproximou de mim e me mostrou a sua boneca nova na maior empolgação do mundo. Minha mãe a adotou quando ela tinha apenas dois anos e eu comprei totalmente a ideia; Nina já carregava uma grande história.

— Mana, a lancheira que a mamãe comprou é rosa igual às das minhas amigas! Quero uma lancheira roxa ou azul — berrou Nina, enquanto eu servia meu café da manhã.

— Nininha, você sabe que vai ganhar uma lancheira nova no próximo ano. É só se comportar nas aulas, como sempre fez.

— Você me promete? Já pedi tantas vezes, mas a mamãe tá sempre correndo e nunca me escuta. Só quando ela senta para ver *tevelisão*. — Cruzou os braços e me encarou, séria.

Não consegui controlar a gargalhada.

— É te-le-vi-são, mana — corrigi, ainda rindo. — E não liga pra isso! A mamãe tem que trabalhar pra comprar a lancheira nova. — Pisquei para ela. — Agora vamos pra escola, anda, preguiçosa!

Estou iniciando o terceiro ano, e o dia que mais esperei durante os dois últimos anos finalmente chegou: o uniforme não é mais obrigatório. Estamos livres daquele padrãozinho! Por isso, optei por uma blusa de alcinha, porque, mesmo no Sul, fevereiro pode ser bem quente — e o sol queimava já cedo —, uma calça jeans desfiada e All Star. Prendi meu longo cabelo e passei o rímel preto de sempre nos cílios, além do protetor solar. Não sou tão viciada em maquiagem assim, mas, como a minha pele é muito clara, qualquer exposição ao sol já me deixa vermelha que nem um camarão mergulhado no molho laranja de um bobó! Então costumo usar filtro solar em todas as estações, e sou meio paranoica com isso. Dei uma última olhada no espelho e mexi um pouco no rabo de cavalo, para deixar bagunçadinho. Faz uma semana que tirei a tinta rosa das pontas e decidi deixar os fios cor de mel, com mechas mais claras, e ainda não me acostumei. Sempre arregalo os olhos quando me olho no espelho. Definitivamente tenho problemas com mudanças bruscas.

Fomos caminhando até o colégio, o que dá uns vinte minutos, e eu sentia Nina apertando a minha mão. Ela

não tinha me dito nada, mas eu sabia que estava nervosa para começar o primeiro ano do fundamental e reencontrar as amigas. Quando começou a frequentar a escola nova, no ano retrasado, acabou tendo dificuldade de se adaptar e os professores aconselharam que ela fizesse novamente aquele período. Junto com o acompanhamento de terapia familiar comigo e com nossa mãe, ela foi superando aos poucos o receio de fazer novas amizades. Ao chegar na escola, imediatamente ajudei Nina a encontrar a sala em meio aos corredores infantis. Eu a abracei e me despedi com um beijo na bochecha. Ela me apertou forte e disse que me amava. Confesso que meu coração se aperta toda vez que me despeço dessa coisinha.

— FINALMENTE ACHEI VOCÊ, QUERIDINHA! — Ouvi um grito atrás de mim enquanto eu subia as escadas até a minha nova sala e quase pulei, me virando rapidamente para ver quem era.

— Cacete, Ariel! Me dá um tapa na cara, me cutuca, mas não grita desse jeito! Sou muito nova pra enfartar — falei, gesticulando exageradamente.

— Ah, Lola, para de se fazer! Da próxima vez vou chegar mandando o agudo daquele cover que você fez de “Stone Cold” e aí sim te darei motivos pra reclamar! — Ariel sorriu. — Achei que você não viria hoje! Sumiu do grupo, só porque brincamos que queríamos pelo menos ver o rosto do cara da balada...

— É porque andei praticando um pouco mais antes de voltar pro coral. Fora as infinitas noites que passei acordada vendo série... Nem tem nada a ver com as zoações de vocês, ridícula! — Dei de ombros e sorri. — *Grey's Anatomy* está acabando com a minha vida, e não consigo fazer nada para controlar esse vício — brinquei, mas as suspeitas dela não estavam totalmente erradas.

— Sabia! Você parece que foi viver debaixo de uma pedra nas férias! Só sabemos do término e da bebedeira naquela noite, mais nada. E é bom mesmo você praticar, porque o Bruno me falou que o diretor estava pensando em cancelar o coral porque tem poucas pessoas demonstrando interesse. — Ariel baixou o olhar, triste.

— QUÊ? Sério isso? Mas e as pessoas que simplesmente amam cantar e precisam da bolsa de atividades extracurriculares? — questionei, ainda processando a informação.

— Você precisa da bolsa? Ahn... — Ela franziu o cenho.

— Não é isso, Ari. Não é só sobre mim. Eu não preciso da bolsa, mas muita gente do coral precisa.

— Entendi... Bom, ainda é só um boato, mas você sabe que o Bruno parece profeta. Tenho medo desse garoto. — Ariel trocou de assunto quando chegamos ao terceiro andar. — Por falar em Bruno, cadê ele? Não tô aguentando de saudade! E não basta que ele

conte as histórias da viagem pelo celular, não é tão engraçado.

Eu sorri e puxei-a pelo corredor, procurando, de porta em porta, o número da nossa maldita sala. Quando finalmente encontramos, avistamos Melissa, a terceira integrante do nosso quarteto fantástico, sentada na fileira do canto e mexendo no celular. Mel era muito mais reservada do que eu e Ariel, sempre foi tímida, desde quando a conheci, cinco anos atrás. Nem percebeu que chegamos e que já estávamos indo até ela.

— Alô, planeta Terra chamando! — Ariel tirou um dos fones de ouvido de Mel.

— Gente, que saudade de vocês! — Melissa se levantou e nos abraçou ao mesmo tempo. — Ariel, que cabelo azul é esse? E, Lola, eu simplesmente estou apaixonada pelo seu batom novo! Vi ontem no stories e esqueci de perguntar onde você comprou!

— Respira, amiga! — Sorri, colocando a bolsa na mesa ao lado de Melissa. — Eu também estava com saudade. Como foi lá no Nordeste?

— Lá é muito lindo! Temos que combinar de ir um dia... — Mel suspirou voltando a se sentar.

— Pinte o cabelo ontem à noite, ordinária. Queria causar mesmo. Somos Lola e eu de cabelos novos, abram alas! — brincou Ariel, jogando o cabelo para o

lado. — Já estou me preparando pra primeira festa do colégio, na NeonMix!

— Que festa? — perguntei, curiosa.

Sério que o ano mal tinha começado e já estávamos pensando em festas?

— Vai rolar uma fes... — Antes de Ariel concluir, o professor de Física entrou na sala e pediu silêncio. — Aff, depois falamos sobre isso — sussurrou, e eu concordei com um aceno de cabeça.

Detesto matérias como Física, Química, Matemática. Resumindo, detesto exatas. Números não são minha praia, e acho um saco toda essa pressão do terceiro ano, como se todos os alunos fossem obrigados a saber, aos 16, 17 ou 18 anos, o que querem fazer pelo restante da vida. Isso soa até um pouco desumano para mim, já que nem sei direito o que pretendo comer no intervalo. Acabei de completar 18 anos, ainda preciso pensar muito sobre minha carreira. Minha única certeza é a música e a vontade de aprimorar meu canto. O resto, ainda não faço ideia.

No início da aula, decidi que desenharia um relógio para cada momento de tédio durante a apresentação da matéria que teríamos nos próximos três meses. Quando o sinal tocou, eu tinha vinte e sete relógios rabiscados no caderno! Então, sim, vale dizer de novo que eu realmente não gosto de exatas.

— Psiu! — Ariel chamou minha atenção, e eu me virei para encará-la. — A festa vai rolar no final de semana, é tipo uma confraternização mesmo. Parece que as outras salas estão com vários alunos novos! Aqui na nossa eu só notei um... — afirmou, direcionando o olhar para um rapaz sentado na última carteira da nossa fileira.

Eu provavelmente não escondi minha surpresa quando olhei para trás e o avistei. Maxilar marcado. Cabelo castanho-claro puxado para trás. Tatuagem no braço esquerdo, uma aparecendo por debaixo da manga da camiseta preta e outras espalhadas. Meu coração deu um salto ornamental.

MEU DEUS DO CÉU! É ELE. É ELE? Não! Gente, não pode ser o cara que eu nem ao menos sei o nome, mas já vi pelado. Socorro!

Percebi que ele notou que eu estava encarando e virei o rosto imediatamente. *PUTA MERDA. Caralho. Puta que pariu. Que vontade de gritar todos os palavrões que eu conhecia.*

— Lola? — Ariel deve ter percebido minha reação um tanto quanto estranha e me chamou, erguendo a sobrancelha.

Respirei fundo antes de responder.

— Tatuagem provavelmente é meu ponto fraco — falei, ainda sentindo o meu coração acelerado, mas tentando disfarçar.

Ela sorriu.

— Se eu não fosse apaixonada pela Anna, já estaria procurando ele em todas as redes sociais, não vou negar! — A garota deu de ombros. — Você já se livrou do Leo, deveria começar a sair de novo. Mas dessa vez tente lembrar o nome dos caras no dia seguinte — zombou ela, e eu tentei rir da piada, mas meu sorriso saiu meio torto de tanto nervosismo.

— Não tenho intenção nenhuma de me envolver romanticamente com alguém no momento, Ari. Quem sabe daqui a uns meses... quando eu for uma cantora superfamosa... — brinquei, piscando para ela e tirando o já não mais tão misterioso tatuado da balada da mente.

O professor de Física mal havia deixado a sala de aula e a senhora Esther, professora de Literatura, já estava sentada em sua mesa, iniciando a chamada. Ariel respondeu e teve o cabelo novo elogiado. É impressionante como a Ari fica maravilhosa e radiante com qualquer cabelo, provavelmente até careca. Eu vivo picotando e pintando as pontas do meu, mas confesso que queria ser radical como a minha amiga e pintar tudo de uma vez só.

— LOLA? — Ouvi Esther questionando alto e me acordando dos meus pensamentos.

— OI! PRESENTE! AQUI! — gritei, afobada por causa do susto. Deus, eu estava meio descontrolada nesse primeiro dia de aula. — Desculpa, professora, não ouvi.

O pessoal gargalhou, e eu dei de ombros, sorrindo meio sem graça. Fingi que nem vi o sorriso de canto de boca que o tal aluno *novo* deu. Meu estômago se contraiu como se eu estivesse usando um daqueles aparelhos de academia da Polishop. Será que ele se lembrava de mim? Será que se lembrava de alguma coisa daquela noite?

— Tudo bem, querida. Adoro sua voz, principalmente quando você está cantando. Caso contrário, cuidado com esses gritos! Quase joguei minha mesa longe com o susto que você me deu! — brincou Esther, sorrindo.

— Perdão! — respondi, rindo. — Juro que da próxima vez só levanto a mão.

Após o breve momento de descontração, a professora iniciou a aula falando de Shakespeare, Jane Austen e de como a literatura inglesa deveria ter mais reconhecimento entre os jovens. Os dois tempos de Literatura passaram voando, muito provavelmente porque é minha matéria favorita. Esther, além de ser uma ótima professora, é também muito amiga da minha mãe. Talvez seja esse o motivo de eu me sentir completamente à vontade nas aulas dela.

Segundos após o sinal do intervalo dar o ar da graça, eu, Melissa e Ariel resolvemos ir até os armários para trocarmos os livros, e juro que não sei como cabe tanta gente nos corredores e, especificamente, nos que têm armários. É sempre um empurra-empurra, uma barulheira sem fim. Demoramos muito mais tempo do que o normal para achar nosso material, e acabamos perdendo minutos preciosos da melhor hora da manhã: o intervalo — ou seja, a hora de comer.

— Ainda bem que eu trouxe minha barrinha de cereal e não preciso ficar nessa fila quilométrica. Nem no primeiro dia esse lugar deixa de estar lotado! — Melissa exclamou, surpresa com o tanto de gente que estava na cantina.

— Como você consegue se satisfazer só com esse tantinho de nada, sabor areia misturada com decepção, Mel? Eu juro que comeria um boi tranquilamente... — brinquei, abrindo a minha bolsa. — Mas essa fila tá enorme mesmo, pelo menos eu coloquei umas frutas na bolsa antes de sair. Elas enganam minha fome por um tempo.

— Eu vou lá comprar um salgado e chamar a Anna. Já volto — disse Ariel, afastando-se da mesa e indo até o caixa.

Melissa avisou que iria ligar para a mãe, e eu aproveitei para comer minha humilde maçã.

— PENSEI QUE VOCÊ NÃO VIRIA HOJE!

Por pouco não cuspi o pedaço que tinha acabado de morder de tão grande que foi o susto que levei, mas, ao ver o Bruno, me levantei, subindo no banco, e o abracei muito forte.

— Te odeio! Tô com muitas saudade! Meu Deus, quero saber de cada detalhe da Irlanda! — Fui de tranqüila para desesperada em segundos.

Mas não era para menos: Bruno, meu melhor amigo, foi passar um mês na Irlanda sem internet, celular ou qualquer outro tipo de tecnologia; se propôs apenas a vivenciar a cultura do país. O que ele chamou de “experiência detox”, eu chamava de coragem e determinação mesmo. Desde que viramos amigos, o máximo que ficamos sem nos falar foi uma semana, porque ele não aprovava o meu namoro com o Leo e ficou muito irritado quando reatamos após uma briga séria que tivemos no ano passado.

— Temos assunto para mais dez anos de amizade! Antes, deixa eu te apresentar pro pessoal novo no colégio.

Bruno me soltou, e eu pulei do banco. Só nesse momento reparei que ele estava se referindo a dois rapazes que o acompanhavam, e que um deles era o tal aluno novo, homem misterioso ou sei lá mais qual apelido dar para ele. Puta que pariu, só pode ser um jogo comigo.

— Esse aqui é o Diego. — Bruno apontou para o outro menino. — É da minha sala e o conheço há um tempão, porque ele é amigo de infância do meu primo, mas só agora nos aproximamos de verdade.

— Oi, prazer! — Diego me cumprimentou com um beijo na bochecha e acenou para Mel, sendo retribuído com sorrisos de nós duas.

— E esse bonitão aqui é o John! Acho que você já viu ele, né?! — Prendi a respiração com o comentário. Como Bruno saberia disso? Só se o cara contou... — Já que ele está na sala de vocês... — Bruno me encarou, esperando uma resposta.

Senti as pernas ficarem bambas, olhei para o agora-nem-tão misterioso rapaz e balancei a cabeça, engolindo em seco antes de responder.

— Pior que eu nem reparei, estava quase um zumbi nas primeiras aulas... — menti impulsivamente.

Não sei exatamente por que fiz isso, mas me pareceu uma espécie de armadura para me proteger de uma possível vulnerabilidade.

— Ah, deixa pra lá! O John é metade canadense e metade brasileiro. Nasceu e foi criado no Canadá, mas, como o pai dele é daqui, resolveu fazer intercâmbio no Brasil e vai cursar o último ano no nosso colégio. Diego o conheceu num show há um mês e nos apresentou a ele na semana passada. Legal, né?!

Eu só queria me enfiar em um buraco enquanto Bruno me contava aquilo tudo, empolgado. Lembrei por que nem me dei ao trabalho de perguntar muito sobre ele naquela noite: por ser estrangeiro, já concluí que seria algo passageiro, nem passou por minha cabeça manter contato. Tive certeza de que jamais o veria de novo até que... *Aff*.

— Que demais! Sempre quis conhecer algum lugar da América do Norte. — Sorri discretamente.

— Prazer, Lola — disse John com um leve sotaque, esboçando um sorriso torto igualzinho ao que dera mais cedo na aula.

Não que eu tenha reparado! Só consegui balançar a cabeça, como uma tartaruga perdida, e meu olhar foi parar em seu maxilar. Aquela barba por fazer... que charme. Não admirar as tatuagens no braço dele estava sendo um teste de autocontrole e felizmente eu consegui me sair bem... por enquanto. Essa angústia de não saber se ele se lembrava de mim provavelmente ia me fazer parecer louca.

— Só pra lembrar que sim, tenho amigos novos e gosto de apresentá-los pra você. E, sim, ao mesmo tempo também tenho ciúme. Principalmente depois do Leonardo... — falou Bruno, e eu revirei os olhos, mostrando a língua. — Mas vamos falar de coisa boa, por favor. Vocês vão à NeonMix?

— Ainda não sei. Sabe como é, não sei se quero encontrar o Leo... Tô evitando ao máximo o contato com ele e só saí uma vez com as garotas porque sabia que ele não iria. É melhor dar um tempo pra nós dois. Não quero que ele estrague a noite de vocês também. Ele pode acabar bebendo demais e tentar falar comigo — desabafei e senti o olhar de John, mas não fui conferir se a sensação estava certa.

— Fala sério, Lola... Até parece que a gente deixaria algo acontecer. Vamos! Promete ser superlegal e tô com saudades de sair com vocês. — Ele acenou para Melissa, que sorriu e fez um joinha, já que ainda estava falando no celular. — Por favor?

— Seu chato! Vou analisar com carinho, prometo. — Cruzei os dedos na frente da boca e dei um beijinho: era uma promessa. — Mas sobre a sua estadia na Irlanda, me conta! Quero saber quantas mulheres e homens caíram no seu encanto.

— Brother, não é porque eu sou bi que saí pegando qualquer ser humano lá não, tá?! — brincou. — Você com essas perguntas parece a minha mãe quando eu me assumi.

— Nunca vou esquecer de você todo nervoso pra contar de uma vez, e a única coisa que ela perguntou foi se você poderia dar umas aulas, já que a vida dela seria muito mais divertida se ela também fosse gay. —

Sorri com a lembrança, e Bruno levou as mãos ao rosto, envergonhado. Notei que sua pele escura estava contrastando com uma nova e discreta tatuagem abaixo do cotovelo. Realmente ainda tínhamos muito o que conversar sobre essa viagem.

Ariel voltou acompanhada por Anna e ajudou Bruno a insistir que eu fosse na tal festa. Fui salva pelo gongo, que nesse caso era o sinal do fim do intervalo. Fiz uma careta porque só tinha conseguido comer uma maçã.

Fomos direto para a sala de aula e, quando entrei, John já estava lá sentado, na terceira carteira da fileira do canto esquerdo. Trocamos um sorriso constrangido. Mesmo estando com fone de ouvido, ele parecia atento ao seu redor. Eu queria entender por que esse garoto me traz uma sensação tão... estranha?! Ele é muito na dele, provavelmente nem se lembra daquela noite. Sem contar que eu mudei o cabelo! Nossa, como havia me esquecido desse pequeno detalhe? É óbvio que não lembra. Melhor assim.

— Amiga, todo mundo vai à festa da NeonMix, até os novos alunos da aula de canto! E lembra uma coisa: beber é o melhor jeito de fazer novos amigos — disse Ariel, como se estivesse recitando uma lição que aprendera num livro. — Acho que você sabe disso! — E sorriu. Ridícula.

— Já prometi que vou pensar, ok?! Acho que é mesmo uma boa para conhecer pessoas novas — respondi, louca para contar de uma vez para Ariel que o cara misterioso não era tão misterioso assim pra mim.

— Tudo bem, tenho até o final de semana pra encher seu saco. Não vou querer você trancada em casa logo no início das aulas, quando as festas mais bombam.

Dei um sorriso amarelo e fiz um joinha.

— Bom dia, terceiro ano! — cumprimentou o professor de Química enquanto colocava sua pasta na mesa.

— E lá vamos nós... — sussurrei, me ajeitando na cadeira.

Começar o ano já com ensaio do coral era tudo que eu queria. O salão nobre do colégio continuava sendo um lugar mágico para mim, pois aquele palco fez parte das minhas primeiras apresentações. Lembro até hoje da primeira vez que tive a maravilhosa sensação de cantar uma música para um público enorme, depois de muito treino e dedicação do grupo. Os arrepios a cada nota acertada, o sorriso orgulhoso do professor, os aplausos de pé. No salão eu me sentia em casa, pertencia àquele lugar.

— Lola, ajeite a postura. Ombros retos, coluna ereta. Lembra minha dica sobre sentir o diafragma? — orientou Jean, que era meu professor no coral desde que entrei.

É claro que eu lembrava. Algumas semanas antes da apresentação do final do ano passado, Jean e eu ficamos até oito da noite praticando. Não só meu número com o grupo, mas também o dueto que fiz com Bruno. Durante esse treino, ele me ensinou que o diafragma é uma tira de músculo essencial para o canto; ele separa a caixa torácica do restante dos órgãos. A técnica de canto profissional ensina a sustentar o diafragma através da respiração, assim usamos o músculo para forçar o ar dos pulmões através da nossa voz. Naquele mesmo dia, Jean me passou uma lista de exercícios para fortalecer o diafragma e tem sido muito útil desde então.

— Sim. Ombros retos, mas não estufados. Garganta aberta.

— Exato. 1, 2, 3, 4.

E o ensaio começou.

Duas horas, como sempre, passaram voando. Mesmo que eu tenha percebido Jean um pouco disperso e mais quieto que o normal, estava em êxtase por finalmente voltar às atividades do coral. Senti muita falta durante as férias. Peguei minha bolsa no guarda-volumes, chequei as notificações do celular e esperei Bruno terminar de conversar com a Beca, uma garota que eu só conhecia de vista.

— Vamos, brother? — perguntou ele, puxando o celular da minha mão e jogando-o na minha bolsa.

— Eu estava com tanta saudade disso — confessei, revirando os olhos. — Do coral e um pouquinho só de você.

— Engraçadinha. — Ele mostrou a língua e eu sorri, a caminho do estacionamento — Mas me diz, você vai à NeonMix, né? Por favor! Faz tempo que não bebemos juntos! — implorou, fazendo biquinho.

— Para de fazer essa cara de cachorro abandonado, brother. Vou ver como essa semana vai ser e te aviso logo logo, tá? Prometo considerar com carinho, embora me dê preguiça só de pensar nessas festinhas de começo de semestre. — Afirmei e dei de ombros, e Bruno me deu um abraço apertado de despedida.

Ficar em dúvida entre ir à festa da NeonMix ou ver um filme na Netflix não deveria ser um dilema de alguém da minha idade, certo? Mas a verdade é que eu preferia mil vezes o conforto do meu lar, o quentinho da minha cama, com pipoca e chocolate, a uma noite barulhenta e cheia de gente falando alto porque o som daquele lugar sempre está no último volume, totalmente desproporcional. E NUNCA ARRUMAVAM! Minha presença em um evento com pessoas do colégio também iria gerar comentários e eu queria evitar fofocas sobre o término. Por outro lado, precisava me distrair. Eu tentava terminar o enorme questionário inútil de Química, que não

ia mudar em nada minha vida, mas minha cabeça fervilhava com aquela questão ainda mais difícil de resolver que qualquer simulado do vestibular que os professores já estavam nos orientando a fazer. Por que surgem tantas dúvidas no nosso caminho, hein?! Queria que o narrador da minha vida mandasse sinais aleatórios de qual seria a melhor escolha para mim em cada momento. É tanto dilema solto no emaranhado dos meus pensamentos que eu já não estava nem fazendo mais sentido.

— MAAAAANA? — chamou Nina do primeiro andar.

— Oi, mana. — Andei até a ponta da escada e acenei para ela.

— Você pode me ajudar com meu dever de casa? — Só consegui enxergar os olhinhos pidões da sapeca e meu coração se encheu de amor, então desci rapidamente.

— Claro que sim, Nininha! Qual é a dúvida? — perguntei, olhando para os desenhos do livro.

— Eu queria saber por que o lápis cor de pele é esse — ela apontou para um lápis salmão — e não esse — apontou para o lápis marrom.

Fiquei parada tentando formular uma resposta que não demonstrasse quão surpresa eu estava.

— Mana, quem foi que te disse que existe só um lápis que representa a cor da pele? Nem toda pele tem a mesma cor, certo?! — respondi calmamente.

— Mas o meu colega me disse que o lápis cor de pele é esse aqui e que o lápis que representa minha cor não é ele, e sim o marrom. — Nina cruzou os braços, esperando uma resposta.

Eu me sentei ao lado dela, estava fervendo por dentro, querendo esganar esse garoto, mas, logo depois, lembrei que era apenas uma criança, provavelmente educada para pensar dessa forma.

— Olha, mana, existem muitas e muitas cores de pele espalhadas pelo mundo. Imagina só que chato seria se todos fôssemos iguais?! Blergh! — Brinquei fazendo careta, e ela sorriu. — Seu amigo ainda não deve ter aprendido que existem outras cores além da dele, por que você não explica isso pra ele na próxima aula?! Tenho certeza de que a professora também vai adorar a sua explicação. — Dei um sorriso confiante.

— Acho que sim. Ele é meu colega mais legal. — Ela não estava triste nem chateada.

— Então está combinado! Segunda-feira você pode explicar isso, ele vai adorar.

— Obrigada, mana. Vou continuar fazendo meu dever e colorindo o desenho. — Sorriu, voltando a prestar atenção na tarefa.

Cada vez que eu a via concentrada, meu coração apertava, porque automaticamente pensava em como o tempo parece voar quando se trata da Nina. Parece

que foi ontem que a conhecemos no orfanato. Sua mãe biológica foi vítima de um tiroteio na comunidade em que elas moravam e, após diversas ligações de vizinhos para o serviço social, Nina foi levada para o abrigo. Lá, ela se isolou completamente das outras crianças e preferia brincar sozinha, ainda traumatizada com tudo que havia acontecido. Mesmo depois do divórcio conturbado, minha mãe ainda sonhava em ter outro filho e, por trabalhar no Tribunal Regional, sabia que grande parte das crianças esperando por um lar eram negras e que, em contrapartida, a maioria dos casais procurava por crianças brancas. Ao visitar o local e conhecer a história de Nina, não tivemos dúvidas: queríamos oferecer uma nova vida para aquela menininha. E quando vejo como ela está crescendo rápido, saudável e feliz, fico querendo que mantenha essa inocência para sempre, mas, ao mesmo tempo, enche meu coração de orgulho ver quão forte ela é, mesmo tão pequena.

E isso me deu força para me decidir. Eu não ia ficar trancada em casa só porque queria evitar meu ex ou comentários de terceiros. Os outros não deveriam me controlar nem tomar decisões por mim. Aquele seria um ano de muito estudo, então não faria mal me divertir um pouco antes que as coisas pegassem fogo com as provas e o vestibular. Aproveitei que minha mãe tinha chegado mais cedo do trabalho e ficaria com a Nina

para dar uma hidratada no cabelo. Ariel me mandou umas dez mensagens por segundo para me perguntar se eu ia mesmo. Quando finalmente respondi que sim, ela sumiu. Minha vontade era ir até a casa dela e dar dois tapas naquela cara de sonsa, mas me contentei apenas em abrir o Facebook para dar uma distraída enquanto o creme capilar fazia efeito. Me surpreendi ao ver uma nova solicitação de amizade.

John Wright enviou uma solicitação de amizade.

Franzi a testa ao ler aquele nome. A foto de perfil era em preto e branco. Nunca fui de fazer charme quando quero alguma coisa, e isso se aplica aos homens também. Detesto joguinhos, enrolação, histórias mal contadas e mandar recado. Eu ficava cansada só de ouvir histórias assim. Provavelmente aceitaria John numa boa, ainda mais sabendo que ele era o único carinha que beijei nas minhas férias. Queria ter coragem suficiente para perguntar se ele se lembrava daquela noite. Já que ainda não tinha, fiz o que estava ao meu alcance: aceitei o convite de amizade e fui analisar o perfil dele, mas não sem antes contar às meninas.